

HERMES FONTES

JOÃO RIBEIRO

A Epopéia da Vida — Míragem do Deserto

O sr. Hermes Fontes nasceu naquel oculto e desprezado torrão do Norte onde também eu nasci. Respiramos o mesmo ar, entrou-nos nalma a mesma paisagem, convivemos com as mesmas gentes, senão que lhe sinto um parentesco oriundo das iguais saudades e da mesma lágrima das coisas.

Entretanto, a sua estética, e a sua poesia são diferentes da que mais amo e mais me enternece; ele a extravagante, eu a enimesmar-me.

A sua visão, se assim posso dizer, é telescópica, compráz-se em espetáculos astronômicos e monstruosos; o infinito, o abismo insondável dos espaços, o sol e a luz, o ranger dos mundos a trepidar nas suas órbitas, formam a habitual solidão do contemplador do universo.

Quando ele desce, complacente, daqueles intermundos para este mísero planeta, só enxerga, com a miopia de um marciano o mar oceânico, as montanhas e as tempestades. Parece-lhe o nosso mundo um ser mesquinho, rolante, devastado talvez por uma imperceptível doença da pele que é a mesma agitação parasitária da humanidade.

Observando bem, ele descobre à superfície, a Guerra, a Peste e outras monstruosidades relativas. São cócegas, apenas, na sua sensibilidade astral.

Com ser pequenino como o era Quevedo, ele é contudo o poeta das grandes coisas e dos grandes fenômenos.

A sua fase astronômica, a das Apoteoses, foi celebrada e acomlhida com estrondosos e merecidos aplausos. A sua fase terrestre, ainda assim de largas dimensões, é agora a da Epopéia da Vida.

Vê-se bem que o poeta se aproxima de nós e está no seu perigêu. E se não houver um encontro fatal e um cataclismo de dies irge terrível, ainda hei de ouvir o poeta das

mesma agitação parasitária
humanidade.

Observando bem, ele desco-
bre à superfície, a Guerra, a
Peste e outras monstruosida-
des relativas. São cócegas, ape-
nas, na sua sensibilidade astral.

Com ser pequenino como o
era Quevedo, ele é contudo o
poeta das grandes coisas e dos
grandes fenômenos.

A sua fase astronómica, a das
Apoteoses, foi celebrada e aco-
lhida com estrondosos e mero-
cidos aplausos. A sua fase ter-
restre, ainda assim de largas
dimensões, é agora a da Epo-
péia da Vida.

Vê-se bem que o poeta se
aproxima de nós e está no seu
perigêu. E se não houver um
encontro fatal e um cataclismo
de dies irge terrivel, ainda hei-
de ouvir o poeta das esferas a
psalmodiar, como David, as
fraquezas do coração, a ouvir a
canção dos ninhos e as peque-
ninas paixões da vida cotidia-
na.

Não é que ele não cante o
amor e os pequeninos nadas, o
marulho das águas e das fontes
como o fez no volume das Mi-
ragens. Mas essas coisitas ain-
da, aí necessitam um quadro
enorme — o Deserto — desmar-
cados suplementos, o Oasiš, o
Crepúsculo, o Silêncio, as Filo-
sofias, as Nuvens, a Nêvoa.

Apesar dessas tendências pa-
ra o estilo giganteu, há na Mi-
ragem do Deserto lindas pági-
nas de inspiração e de arte co-
mo o Velho Romance e a Bu-
ena Dicha. Encelado diverte-se.

A Buena Dicha é um soneto,
espécie já estanque e que está
ficando como os ovos estralados
dos hotéis da roça. Si parva il-
cel...

E', bela e será sempre bela.
Buena Dicha:

Olhou-me a pitoniza, olhou-me e
— "Brilharás. Amarás. E sofrerás". [disse:
Eu ia, então, na minha meninice.
inquieta, há cerca de vintêniu atráa.

E tal se por sabê-lo eu antivesse

o predestino esplêndido e mendaz,
quis brilhar, quis amar... quis que z
não me reprimisse de ações más.
[Velhice

Para brilhar — busquei a glória, na
Para amar — procurei o bem, no
Para sofrer — levei a Cruz e o Andor.
[arte.
[afeto.

Mas a glória, falhou. Por sua parte.
mentiu-me o Amor. Tudo mentiu...
a doce mãe dos imortais, a Dor!
[exceto

E' um dos melhores trechos
da poesia contemporânea e, justamente,
um dos menos característicos da estética hugoniana
na do nosso poeta.

Hermes Fontes é um talento
de recursos cerebrais e que intelectualiza todas as emoções.
Falta-lhe o coração, pelo menos quando escreve; ou ele o esconde Tem, talvez, o pudor das suas máguas.

Prefere arquitetar mentalmente as suas visões. Não quer ver senão pela inteligência:

Fechei os olhos e fui da Vida.

assim o diz na Miragem. E também o diz e repete na Epopéia,
a respeito do homem:

Fechou os olhos para o indefinível.

E assim em vários lugares dos seus versos.

Toda essa ogreira que é a contrição própria dos tristes, no-la transmite o poeta em versos bellíssimos e memoráveis:

Crepúscula em meu mundo-interior
[Anoitece.
A linha do horizonte se constringe...
Vai fazer frio... vai reinar a Escuridão.
— Para erguer ao Silêncio a minha
do meu destino de ânsia e de medo
e interrogar a esfinge
do meu destino de ânsia e de medo
e abrigar-me, também, da Noite, que
minha mortalha de perpétuo dô
e que, entretanto, me aconselha e
o coração ingênuo e visionário, —
erigi em Santuário
este Oasis de um Triste.
este Asilo de um Justo, este Mundo
ide um Só.

Em todo o caso é antes um filósofo cristão ou estoico que superhumaniza as suas tristezas.

Mas esta face é excepcional e efêmera graças a sua pasmosa volubilidade.

Desconfio, pois, se bem interpreto o seu temperamento que ele é todo intelectual por um certo pudor de sensibilidade.

Com isso perde o lirismo o que acresce ao estro épico..

Na Epopéia da Vida ele canta
as amargas vitórias do Homem;
a conquista do Mar que ele
abençoa sem a dor.

E assim em vários lugares dos
seus versos.

Toda essa ogeriza que é a con-
tração própria dos tristes, no-la
transmite o poeta em versos be-
lissimos e memoraveis:

Crepúscula em meu mundo-interior
[Anoitece.
A linha do horizonte se constringe...
Vai fazer frio... vai reinar a Escuri-
[dão.
— Para erguer ao Silêncio a minha
[prece
e interrogar a esfinge
do meu destino de ânsia e de medi-
[tação,
e abrigar-me, também, da Noite, que
[entristece
minha mortalha de perpétuo dô
e que, entretanto, me aconsilha e
[assiste
o coração ingênuo e visionário, —
erigí em Santuário
este Oasis de um Triste.
este Asilo de um Justo, este Mundo
[de um Só.,

Em todo o caso é antes um fi-
lósofo cristão ou estoíco que su-
perhumaniza as suas tristezas.

Mas esta face é excepcional e
efêmera graças a sua pasmosa
volubilidade.

Desconfio, pois, se bem inter-
preto o seu temperamento que
ele é todo intelectual por um
certo pudor de sensibilidade.

Com isso perde o lirismo o
que acresce ao estro épico.

Na Epopéia da Vida ele canta
as amargas vitórias do Homem;
a conquista do Mar que ele
abençoa sem a desenganada
melancolia do velho do Restello
dos Lusiadas:

O' maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho!

Ao contrário, Hermes Fontes
aplaude a van cubica dos desco-
bridores em versos de grande
vigor:

Glória à mão que soltou ao Iéu dos
mares
os primeiros batéis rudimentares!
Glória eterna a essa mão
que nindo os continentes pelo mares
fez o milagre da Revelação.

Depois da conquista do ocea-
no, a conquista do ar. E o novo
Icaro, ainda aqui repete o leit-
motive do poeta:

Olhando o vôo às aves e aos insetos
fechou os olhos par o seu destino.

Em tanta poesia a mancheia
esparsa nos seus livros. Hermes
Fontes, comete versos prosaicos,
duros, sem número, apesar do
ritmo aparente.

As suas preocupações verbais

115

são profusas; é um desageitado, inhabil, para delicadezas de expressão. Parece que suas alucinações telescópicas e desmesuradas, tornaram rombo e grosseiro o tato indispensável a tudo que é mimoso e sutil.

Timbra em ser grande.

Há uma incoerência entre a sua minúscula estatura e a projeção enorme de sua alma, donde essa incapacidade evidente de sentir a microfonia (se podemos dizer) das coisas próximas e pequenas.

Não se comprehende também que um poeta magnífico como ele é, alinhe versos deste prosaísmo:

Sois primeiros heróis do Carater [humano
vencidos-imortais. Vossa queda fatal
deixou irrevolod o secular Arcano
mas deu o exemplo de honra e afir-
[mou um ideal

Parecem frases de frei Manoel da Esperança se se lembrára o frade de traçar a **Queda dos Titãs**.

O meu confrade dr. Soildônio Leite poderia meter est'outros na **Seleta dos Esquecidos**:

A verdadeira Torre de Babel
Tem a Terra por base:
O céu em derredor arma-se em pa-
[redão...

ou ainda esta máxima do marquês de Maricá:

Só se pode perdoar o Remediavel,
Não há remédio para a morte.

Um poeta da força, vigor e éstro como o é Hermes Fontes, não deve desair em pequices berbais desta ordem:

Nós — coitados de nós...
~~N~~camos para o Amor — números
[primos.

Tudo isto revela um mau gesto e uma afetação gongórica fóra de termos, e ainda tudo agravado por louvores e gabos de alguns basbaques cabalistas que fazem timbre de desentranhar das palavras algum sentido recôndito.

Isso não é poesia e pior injustiça seria dizer que é prosa.
E' coisa nenhuma.

Hermes Fontes é, apesar disso, um grande poeta, original e forte. Quando, apareceu floria ainda entre nós o ~~cancor~~

Só se pode perdoar o remédio para a morte.
Não há remédio para a morte.

Um poeta da força, vigor e
éstro como o é Hermes Fontes,
não deve desair em pequices
berbais desta ordem:

Nós — coitados de nós...
Necamos para o Amor — números
[primos.]

Tudo isto revela um mau ges-
to e uma afetação gongórica fó-
ra de termos, e ainda tudo
agravado por louvores e gabos
de alguns basbaques cabalistas
que fazem timbre de desentra-
nhar das palavras algum sen-
tido recôndito.

Isso não é poesia e pior injus-
tiça seria dizer que é prosa.

E' coisa nenhuma.

Hermes Fontes é, apesar dis-
so, um grande poeta, original e
forte. Quando, apareceu floria
ainda entre nós o cansado par-
nasianismo. E o poeta seguiu as
suas tendência hugonianas, de
inspiração própria; e conse-
guiu fundar um nome hoje po-
pular em todo o país.

A crítica nada ele deve e nem
deverá: tanto melhor para que,
sem sermos molestos, falemos
com inteira sinceridade de sua
poesia. Ela é grandilóqua mas
excessivamente verbal e às ve-
zes pedantesca. Faltam-lhe a
simplicidade e o sentimento:
todos os tons amenos, e assim
matizes e degradações de tintas
lhe são desconhecidos.

Mas, apesar de tudo, é um dos
grandes poetas da sua geração e
mesmo único segundo a sua es-
tética.

A Lampda Velada

Grande contentamento foi
para meu espírito e meu cora-
ção, verificar que na desampa-
rada e pequenina terra em que
nasci, também veiu à luz do dia
esse grande poeta que é Hermes
Fontes.

Ele não só é grande para a
sua pequenina terra. E' grande
para todo o imenso Brasil e ain-
da mais, é e será grande em
qualquer época da nossa histó-
ria literária.

Não é um vaticínio, é a reali-

115

dade mesma.

Desde que apareceu, há uns quinze anos mais ou menos, revelou a enorme opulência, a extrema força e vogar de imaginação, todas as qualidades, enfim, que o tornam um dos mais felizes intérpretes da sua raça e do seu povo.

Muito mais perfeito que Castro Alves, de imaginação verbal mais poderosa que a de todos os parnasianos que acabavam de poir o verso e remediar as negligências domânticas, ele representa a primeira personalidade nova da renascença da nova poesia.

Não é, todavia, um chefe de escola. Sua personalidade teve pequena difusão por ser única e difícil de derramar-se entre imitadores sempre superficiais e incapazes.

Para segui-lo de perto fora mister possuir algumas das qualidades essenciais da sua inspiração e isso era exatamente o que faltava entre os seus admiradores, mais admirados que discípulos.

O que entre esses havia, e ainda há, antes de tudo era o culto flebil da moda, de qualquer moda facil ou, a qualquer preço, pariense.

Poucos são os que se elevam acima desse nível de tradução e traições que simulam um falso progresso.

Entretanto, Hermes Fontes é um poeta novo, rico de inspirações inéditas e insólitas.

Todos os seus livros, até hoje, demonstram na unidade de seu espírito, a profusa variedade de tons e de luzes, de idéias e de sentimentos.

E' talvez por sso único, pela exuberância e latitude ampla de rradação. Por ser grande é exagerado, por ser completo é ou parece intemperante.

Desde as "Apoteoses" — recebidas com imediata consagração, perfaz o poeta o seu ciclo, ainda não acabado.

E quantas obras admiráveis tem já escrito! — "Genese" — "Epopéia da Vida" — "Microcosmo" — "Miragem do deserto" e outras, e agora a — "Lâmpada Velada" — forma o esplendido e soberbo conjunto.

Os seus detratores sinal da sua grandeza, colhem com alguma êxito as demasiais verbais por vezes supérfluas da sua arte.

E' a critica facil para um autor que lie parece difícil.

ções inéditas e insólitas.

Todos os seus livros, até hoje, demonstram na unidade de seu espírito, a profusa variedade de tons e de luzes, de idéias e de sentimentos.

E' talvez por sso único, pela exuberância e latitude ampla de rradação. Por ser grande é exagerado, por ser completo é ou parece intemperante.

Desde as "Apoteoses" — recebidas com imediata consagração, perfaz o poeta o seu ciclo, ainda não acabado.

E quantas obras admiráveis tem já escrito! — "Genese" — "Epopéia da Vida" — "Microcosmo" — "Miragem do deserto" e outras, e agora a — "Lâmpada Velada" — forma o esplendido e soberbo conjunto.

Os seus detratores sinal da sua grandeza, colhem ~~com ar~~ algum êxito as demasias verbais por vezes supérfluas da sua arte.

E' a critica facil para um autor que lie parece difícil; é a preocupação tatal dos que não possuem a visão proporcionada à perspectiva da figura. Arranhão-no.

Esses "frondeurs", porem, são indispensaveis e generosos; passado o primeiro momento, integram-se na simpatia geral.

— "A Lâmpada velada" — é o último livro de H. Fontes. Tem a mesma aveludada maciez e o frescor das primeiras rosas que ele tanto relembra na saudade dos seus versos; tem a mesma "bravura", a arte inimitável que lhe é própria de fazer o verso, dominar e governar as palavras, com a feliz facilidade com que o fazia Victor Hugo; e muito mais que nos primeiros livros ostenta a filosofia dos seus próprios sentimentos.

Não queremos transformar essa despretenciosa rôonica num florilégio, que seria aliás o seu melhor mérito, colhido no jardim do poeta. Queremos apenas volver para os leitores as faces mais expressivas do gênio do artista, do poeta e do filo-

L
T
S
A

Joséfo.

A primeira delas, que ressalta com grande relevo, é a da "bravura", como dissemos acima, isto é, da virtuosidade com que o poeta governa o verso. Damos, para exemplo, a — "Canção boêmia" — escolhida entre outras que poderiam excelentemente representar a habilidade e perfeição técnica do poeta.

Dessa filigranas métricas em que foram mestres Gauthier, Banyille e até certo ponto Verlaine, o último grande poeta francês, só em nossa língua há exclusivamente alguns exemplos da poesia brasileira.

CANÇÃO BOÊMIA

Depois que perdi a tua
companhia,
fui aos amigos: a rua
me sorria.

E entrei a viver na rua
ou, por outra, não vivia,
pois vivia sem a tua
companhia!

Cançou-me o brilho da rua
e o afago da hipocrisia.
Só não me cansará a tua
companhia.

Minha vida tumultua
às cégas, durante o dia.
E, de noite... evoco a tua
companhia.

E esta vida é bem a Rua
da Amargura e da Agonia...
Fôbre vida, sem a tua
companhia!

Por vezes como é frequente
em Hermes Fontes, essa virtuosidade vocabular se compõe com uma intenção mais definida, e, neste caso se reparte igualmente o conteúdo e a forma, sem que a emoção substancial de um prejudique a leveza gracil da outra.

Essa formosa e suavíssima combinação é também um dos aspectos, um dos harmoniosos efeitos da luz da — "Lâmpada Velada". Ainda ai a perfeição técnica domina o fio sutil das idéias, através de imagens quase imprecisas e vacilantes.

Daremos, para exemplo, em casos semelhantes, o — "Último Idílio" — que é uma das melhores poesias da coleção.

ÚLTIMO IDÍLIO

em Hermes Fontes, essa vira-
cidade vocabular se compõe
com uma intenção mais defi-
nida, e, neste caso se reparte-
igualmente o conteúdo e a for-
ma, sem que a emoção substan-
cial de um prejudique a leveza
gracil da outra.

Essa formosa e suavíssima
combinação é também um dos
aspectos, um dos harmoniosos
efeitos da luz da — "Lâmpada
Velada". Ainda ai a perfeição
técnica domina o fi sutil das
idéias, através de imagens qua-
se imprecisas e vacilantes.

Daremos, para exemplo, em
casos semelhantes, o — "Ulti-
mo idílio" — que é uma das me-
lhores poesias da coleção.

ÚLTIMO IDÍLIO

Uma Lua religiosa,
uma Lua romanesca,
aponta como uma rosa
muito branca, muito fresca,
no ar sem fim.

Ah! quem me dera essa rosa
e plantá-la era teu Jardim!

Um luar sereno e belo.
Dido mármore da altura
parece esculpir um stelo
para a minha sepultura
consagrar:

Ah! quem me dera esse stelo
para ornamento de altar!?

Do alto, a Lua paraninha
Terra e Céu noivando... e verte
pranto argênteo, clara linfa
sobre a Natureza, inerte,
sem vigor:

Ah! quem me dera essa linfa
para o teu banho de flor!...

Dolorosa, fria Lua,
Pia dágua, na alta Ermida!
Fonte grega: Estátua núa!
Rosa branca, refletida
nas marés!

Quem me dera ser a Lua
para esfolhar-me aos teus pés!...

Até aqui o poeta revela a
perfeição da sua arte. Mas, o
principal na — "Lâmpada Ve-
lada" — é a sua filosofia, de
tristeza e desengano da vida,
a de dolorosa experiência das
coisas que tantas decepções
nos deparam no curso da exis-
tência.

Não é preciso envelhecer pa-

ra sentir essa melancolia que não exclue a resignação e que nos dá a própria ciência da vida.

Todo livro respira a expressão que, não diremos pessimista, mas real e verdadeira, que não pode deixar de o ser, para as almas delicadas a quem repugnam os espetáculos cotidianos da vulgaridade.

Para exemplificá-lo seria preciso aqui transcrever quase todo o livro, pois que em todas as suas páginas, e de modo crescente ao volver das folhas, ("acquirit vires eundo") ganha relevo e expressão o sentimento da melancolia.

O desengano e a mentira que pedem a felicidade da ilusão até o último momento, retratados o poeta no trecho final das — "Cartas" — nesses versos admiraveis:

Acreditar em mulheres,
não acredei eu só.
Dai, tantos misereres
e tantos livros de Job...

Dai, essa via-sacra
de contínuas turbações,
que abre em sorrisos, e lacra
em chagas — os corações...

Dai os velhos enganos
que a gente sofre, e bendiz,
porque há ventura, nos danos,
da ilusão de ser feliz.

Toda mentira começa
no mesmo princípio vâo.
no meio, há sempre a promessa
no fim, sempre a deceção.

Mas a mentira que nasce
dos lábios de uma mulher
— mentira de dupla face —
pode enganar a qualquer...

E, inda depois que a mentira
semeia a eterna viuvez,
inda o coração pedira:
— Mentira, mente, outra vez!...

O comentário e a glosa imprudentes destruiriam a meia-luz desse enigma psicológico que vive em todo coração humano. Nenhum de nós sabe por em equação o problema que é mister resolver.

E' que os dados essenciais sempre nos faltam e não sabemos buscá-los.

E para quê?

A ilusão da alma ou...

dos lábios de uma mulher
— mentira de dupla face —
pode enganar a qualquer...

E, inda depois que a mentira
semeia a eterna viuvez,
inda o coração pedira:
— Mentira, mente, outra vez!...

O comentário e a glosa imprudentes destruiriam a melaz desse enigma psicológico que vive em todo coração humano. Nenhum de nós sabe por em equação o problema que é mister resolver.

E' que os dados essenciais sempre nos faltam e não sabemos buscá-los.

E para quê?

A ilusão da alma enche todo o limite do espírito, como a aparência e os fenômenos bastam para a inteligência do universo. Quanto ao mais, "ignorabimus".

A poesia que é uma espécie de metafísica, abre esse refúgio infinito das coisas ignoradas.

Para fechar com chave de ouro dessa filosofia triste, não havia melhor que a pequenina joia de finíssima claridade, de profunda emoção que irradiam as — "Filosofias" — do poeta.

Fala do "interesse" como a alma do universo; fala sem egoísmo, sem pensar em si próprio, ou só o pensando para se incluir na lei geral dos seres.

Há um interesse em tudo, na causa e na finalidade do mundo.

Não é, porém, a filosofia grosseira dos antigos fisiocratas.

FILOSOFIAS

Desinteresse... esse nome,
melhor fora o não haver.
Vês a terra que nos come?
— Primeiro nos mata a fome,
para depois nos comer...

Vês o mar? Não há tão frios corações como o do mar.
Forma os rios, enche os rios...
— Mas para que form os rios?
Para depois os tragar...

Vês o homem que te festeja?
louva-te a glória e o porvir,
louva-te a ação benfazeja...
— Mas para que te festeja?
Para depois de traír...

Desinteresse! Não creias...
seja de quem e a quem for,

O sangue que tens nas veias,
veiu, de fontes alheias
por um interesse — o amor.

Na obra desse grande poeta fazemos algumas restrições, talvez mesquinhas. Notamos que a sua arte de utilizações vocabulares é por vezes excessiva e pode degenerar em mau gosto. Se numa imagem fala do círculo, nada há que opõe: mas a "secante" e o "diâmetro" não cabem e já excedem a imagem poetica. São coisas técnicas que só se podiam tolerar na intolerável poesia científica.

A outra única restrição que fazemos, antes e melhor interpretada, é um desejo. A capacidade de Hermes Fontes, o seu folego épico e ao mesmo tempo lírico, podiam já, depois de tantas obras magistrais incomparáveis, inspirar-se num poema nacional como a — "Evangelina" — de Longfellow.

Antes de ser descoberta, que não o foi ainda, a literatura brasileira necessita de apresentar traços diferenciais que lhe sejam próprios.

Apráz-nos pensar que os nossos descobridores futuros não terão a pequenina contrariedade de vir descobrir repercussões de Hugo ou Baudelaire nessas plagas tão dignas de inspirar os maiores gênios da poesia.

E' esse traço diferencial, que em nossas mofinas críticas reclamamos e temos, já, aqui e ali verificado, embora sem a satisfação que nos dariam obras mais frequentes e significativas.

E' escusado dizer que não nos referimos ao enjoativo gênero patriótico.

A fonte da mata

Neste livro não há o nome do autor no frontespício, a não ser o H, dissimulado numa vinheta e a declaração no canto da última página, com ao pé das gravuras: *Hermes scripsit, Renatus delineavit* e sem o execudelar do impressor que irá desesperar os bibliomanos do futuro.

Do futuro? sim... de

de Hugo ou Baudelaire nessas plagas tão dignas de inspirar os maiores gênios da poesia.

E' esse traço diferencial, que em nossas mofinas críticas reclamamos e temos, já, aqui e ali verificado, embora sem a satisfação que nos dariam obras mais frequentes e significativas.

E' escusado dizer que não nos referimos ao enjoativo gênero patriótico.

A fonte da mata

Neste ivro não há o nome do autor no frontespício, a não ser o H, dissimulado numa vinheta e a declaração no canto da última página, com ao pé das gravuras: **Hermes scripsit, Renatus delineavit** e sem o excudelar do impressor que irá desesperar os bibliomanos do futuro.

Do futuro? sim, de todo e qualquer futuro por mais remoto que seja porque a glória de Hermes Fontes abracerá muitos séculos.

Ele é realmente um poeta extraordinário, como já parecia ser desde as **Apoteoses** que marcam a transição do parnassianismo para a poesia moderna.

Assim escrevi há quase dez anos: "Muito mais perfeito que Castro Alves, de imaginação verbal mais poderosa que a de todos os parnasianos que acabavam de polir o verso e remediar as negligências românticas, representa ele a primeira modalidade nova na renascença da nova poesia.

E ainda hoje é o mesmo: forte, admirável e maravilhoso.

A — Fonte da mata — diz-nos em interessante anotação que foi evocada por uma suave recordação da infância:

"A "fonte da mata" não é criação de poeta. Existe. Dela flue o manancial que abastece a vila, hoje cidade do Boquim, na "desamparada e pequenina terra" de Sergipe.

Como água da "fonte da mata" foi batizado o autor do volume, que havia pensado em dois ou três outros títulos para este conjunto de poemas.

Revendo a cidadezinha natal, cuja paisagem encontrou pobre e modesta, surpreendeu-se, en-

tretanto, do belo recanto de floresta, de onde o manancial deriva.

E ouviu dos seus maiores a história da fonte e a unção religiosa com que a frequentavam seus pais. Desde então ficou batizada a nova coletânea — não já com água da fonte, mas com as lágrimas de saudade e enterneçimento, tão puramente motivados".

Esse tributo à terra natal é uma prova da imensa generosidade do seu coração. A terra foi-lhe sempre ingrata ou pelo menos incapaz de resistir ao atropelo de seus filhos mais espertos, sufocada sempre pelo tzarismo das vulgaridades.

Fez bem em celebrar essa fonte que será como a de Vaucluse, a Valchiusa na lira de Petrarca, e, desde já, merece os formosíssimos versos de Maria Eugenia Celso:

Fante da mata,
Claro arroio escondido,
Agua que sonha,
Veio de prata
Assim perdido
Entre o bronze dos troncos senho-

Canção que não se sabe se é risonha Iriais:
Ou se resume,

Na timidez do seu queixume,
O pranto dos bravios matagais,
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Rica de cristalina inspiração,

Oh! fonte inquieta,
Que em imagens de limpida beleza,
Refletes, palma a palma,
a floresta surpresa
No segredo de sua profundezas

E no orgulho de sua solidão.
Fonte da mata, — voz de um raro
Que da tua sonora correnteza Ipoeta, —
Fez o eco sonhador do coração...

Cedendo às suas precauções de verbalismo, o poeta quis imaginar uma herma nessa fonte para confundir-se com aquela terra e água que ele acaba de glorificar.

Neste novo livro sem perder as qualidades e dotes antigos a Musa do poeta revela-nos uma feição nova; a da filosofia suave de todas as consolações e de toda conformidade com o mundo.

Ele sabe que Glória é
Mentira,
Só mentira,

E tam...

O pranto dos bravios matagais.
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Fonte jorrada do âmago de uma alma
Rica de cristalina inspiração.
Oh! fonte inquieta,
Que em imagens de límpida beleza,
Refletes, palma a palma,
a floresta surpresa
No segredo de sua profundeza
E no orgulho de sua solidão.
Fonte da mata, — voz de um raro
[poeta, —
Que da tua sonora correnteza
Fez o éco sonhador do coração...

Cedendo às suas precauções
de verbalismo, o poeta quis ima-
ginar uma herma nessa fonte
para confundir-se com aquela
terra e água que ele acaba de
glorificar.

Neste novo livro sem perder
as qualidades e dotes antigos a
Musa do poeta revela-nos uma
feição nova: a da filosofia sua-
ve de todas as consolações e de
toda conformidade com o mun-
do.

Ele sabe que Glória é

Mentira,
Só mentira.

E tambem o é a Justiça em-
buste generoso. O Amor, a Es-
perança.

O' piedosa mentira da Esperança
O' piedosa mentira
dos que não tem mais nada que
[esperar]

E' uma filosofia amarga mas
não de todo desesperada por-
que ainda há compensações no
torvelinho revoito das paixões
humanas, e porque o poeta sa-
be que

Toda glória do céu, toda angústia do
Pode caber num favo ou numa
[mundo]
Igota...

E sabe igualmente naquela
doce Paisagem sempre nova
que há segredos de ternura e
de alegria

... da alegria.

De saber que a ventura nunca vem
Da ambição de ter muito, e, todavia,
pode vir da constância e da har-
[monia]
em conservar o pouco que se tem.

A Fonte da mata é um ma-
nancial de poesias surpreen-
dentes de infinitas doçuras. Não
é possível escolher a página me-
lhore porque todas são ótimas e
inexcedíveis em qualquer gê-
nero: a Messianeida que é um
epígrama, o Terra a terra, o
Canário e a Andorinha e não é
razoável fazer o índice do livro.
• Os tons principais dessa larga,

sinfonia é a recordação, o remédio de esquecer, a felicidade, o amor, a melancolia e o desengano. Não queremos todavia poupar ao leitor que ainda não possue o livro, o fulgor de duas poesias:

JOGOS DE SOMBRA

Sempre que me procuro e não me encontro em mim,
pois há pedaços do meu ser que andam dispersos
nas sombras do jardim,
nos silêncios da noite,
nas músicas do mar,
e sinto os olhos, sob as pálpebras,
nesta serena unção crepuscular,
que lhes prolonga o trágico tresnoite
da vigília sem fim,
abro o meu coração, com um jardim,
e desfolho a corola dos meus versos..
E a alma que está nos versos,
faz-me lembrar a alma que esteve
nos silêncios da noite,
nas sombras do jardim,
na música do mar...

ESPERANÇA

Esperar? A adorável penitência...
A Esperança é a mentira
mais inocente e mais perturbadora
desta e da outra Existência!

Deliciosa mentira!
Esperança — ventinha, polsamoura.
vôa, gira,
gira, vôa,
passará, voltará...
E todos dizem que a Esperança é
Como a Esperança é má!

Esperar, mas, por quem? pela felicidade?
Já passamos por ela
e é impossível tornar agora atrás.

Nossa felicidade era tão bela!
Nós despedimos a felicidade...
Tudo se foi com ela...
Impaciências febris da Mocidade!
Jogaste o coração pela janela,
meu velho! e eras aquele estouvado
frapaz!...

Esperar?! esperar a alegria, a fortuna,
o esplendor, o poder?
— Vela da aspiração, já não se encontra
Já não se atira ao mar para vencer,
Prefere à orla da praia merencórea
a sóz com o Mar,
pensar que, um dia, acreditou na
acreditou na vida e se pôs a esperar...
glória,

Esperar, mas, por quem? pela felicidade?

Já passamos por ela e é impossível tornar agora atrás.

Nossa felicidade era tão bela!
Nós despedimos a felicidade...
Tudo se foi com ela...
Impaciências febris da Mocidade!
Jogaste o coração pela janela,
meu velho! e eras aquele estouvado
[rapaz]...

Esperar?! esperar a alegria, a fortuna,
o esplendor, o poder?
— Vela da aspiração, já não se encontra
Já não se atira ao mar para vencer.

Prefere, à orla da praia merencórea,
a sos com o Mar,
pensar que, um dia, acreditou na
Iglória,
acreditou na vida e se pôs a esperar...

Velho barqueiro?
cruzou todo esse mar, cruzou tantos
[destinos]
Que há de ainda esperar e aventureiro

Mal fixa o olhar nos longos vestígios,
sentindo nesse ocaso que o abençoado
o último ocaso que o abençoará...

E todos dizem que a Esperança é
[bôa]...
Como a Esperança é má!

Os dois poemas não representam qualquer seleção, por isso que a escolha seria demasiado injusta e difícil.

A — Fonte da mata — flui sempre com a mesma água pura e cristalina.

O poeta suicida

Não sei como escrever esta página de saudade!

Abro os jornais e leio o lamentoso desfecho da triste vida de Hermes Fontes.

Sim! era triste a sua vida e através do seu riso e da sua alegria eu lobrigava toda a extensão daquela amargura de sentido, e abandonado.

Muitos dos seus amigos lhe foram fieis, mas não eram bastantes para remediar as ras do seu coração traspassado de tantos e tão desencontrados golpes.

Não há muitos dias encontrei-o. Vinha com o filósofo

(Assinatura)
25-6-19
(Assinatura)

Veiga Lima e deteve-se um pouco para dizer-me, como era o seu velho costume, as palavras amaveis e generosas que sempre ouvi dos seus lábios.

Mas, tive o pressentimento do absoluto desânimo que o consumia; a ele que precisava de grandes consolações.

A sua vida íntima era um drama angustioso. Desde algum tempo eu sabia da sua infelicidade doméstica em que pairava acima de todas as misérias a grande generosidade de sua alma.

À esposa de quem há meses estava separado assegurava todo o conforto, quanto podia e até mais do que podia.

Por fim, a revolução política o malferiu, a ele que, entretanto, não era um político.

Foi, pois, uma das vítimas imbeles da revolução, sentindo-se humilhado e despojado de elementos materiais que por um pouco o faziam esquecer a tormenta que o assaltára.

Sua tristeza não conseguiu dobrá-lo aos golpes terríveis do destino. Desatinou e desesperou. Ninguém contudo sabe da última gota do calix que consumou a grande e incomparável desdita.

Certamente, morreu de amor, tanto era o tesouro da sua ternura.

Se os embates da sorte, da furia estuante lá fóra, ele pudesse opor a docura do lar e o refrigerio da fonte como ele a cantara nos seus últimos versos, é de crer que sobrevivesse à subversão de todas as suas ambições exteriores e supérfluas.

Faltou-lhe esse recurso que já lhe faltava no momento decisivo que o redimiria da morte.

Achou que, comprimido entre duas desgraças, não valia a pena viver, nem prolongar a condenação inexpiável.

— Para que a vida? Os vencidos não tem direito à reclamação.

E ele era um vencido. Não eram de certo as posições perdidas nem a pobreza que o intimidavam.

elementos materiais que pouco o faziam esquecer a tormenta que o assaltara.

A sua tristeza não conseguiu dobrá-lo aos golpes terríveis do destino. Desatou e desesperou. Ninguém contudo sabe da última gota do calix que consumou a grande e incomparável desdita.

Certamente, morreu de amor, tanto era o tesouro da sua ternura.

Se os embates da sorte, da fúria estuante lá fóra, ele pudesse opor a docura do lar e o refrigerio da fonte como ele a cantaria nos seus últimos versos, é de crer que sobrevivesse à subversão de todas as suas ambições exteriores e supérfluas.

Faltou-lhe esse recurso que já lhe faltava no momento decisivo que o redimiria da morte.

Achou que, comprimido entre duas desgraças, não valia a pena viver, nem prolongar a condenação inexplicável.

— Para que a vida? Os vencidos não tem direito à reclamação.

E ele era um vencido. Não eram de certo as posições perdidas nem a pobreza que o intimidavam.

Nasceu pobre e sempre o foi. Começou humilde e nunca se tornou orgulhoso e fátuo. Prosperou pela suavidade de uma ascensão gloriosa.

Como todos, passou por decepções que acirram a coragem mais do que a enfraquecem.

Num dos últimos pleitos acadêmicos, disse-me:

— Quero o voto do patrício e não do escritor.

Ele era da pequenina terra de Sergipe onde também nasci. Essa conterraneidade em coisa alguma influiu na admiração que lhe eu tinha.

Admirava os seus versos e a sua maravilhosa arte de compôr com inteira homogeneidade o talento verbal e a sensibilidade (como fazia Hugo) ele e Castro Alves, discípulos nossos do grande mestre francês.

Uma coisa influia imerecidamente no juízo superficial dos nossos contemporâneos: era pequeno de estatura. Parecia anão esse gigante.

Foi o seu único defeito.